

O Joio e o Trigo



Homilia do Padre Ernesto Popelka
Capela Santa Teresinha – Tijuana, México
XVI domingo do tempo comum – 17.07.2011



Leituras:

Sabedoria 12, 13. 16-19: Deus, Senhor de toda força, bom e compassivo.

Romanos 8, 26-27: Esperança dos filhos de Deus: o Espírito vem em nosso auxílio.

Leitura do Evangelho segundo São Mateus (13,24-43):

24 Naquele tempo, Jesus propôs-lhe outra parábola: “O Reino dos Céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo. 2 Enquanto todos dormiam, veio o seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora. 26 Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio. 27 Os servos do proprietário foram procurá-lo e disseram-lhe: ‘Senhor, não semeaste boa semente em teu campo? Como então está cheio de joio?’ 28 Ao que este respondeu: ‘Um inimigo é que fez isto’. Os servos perguntaram-lhe: ‘Queres, então, que vamos arrancá-lo?’ 29 Ele respondeu: ‘Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo. 30 Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro’”.

31 Propôs-lhes outra parábola, dizendo: “O Reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu campo. 32 Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos”.

33Contou-lhes, outra parábola: “O Reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e pôs em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado”.

34Jesus falou tudo isso às multidões por parábolas. E sem parábolas nada lhes falava, 35para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’.

36Então, deixando as multidões, entrou em casa. E os discípulos chegaram a ele, pedindo -lhe: “Explica-nos a parábola do joio no campo”. 37Ele respondeu: “O que semeia a boa semente é o Filho do Homem. 38O campo é o mundo. A boa semente são os filhos do Reino. O joio são os filhos do Maligno. 39O inimigo que o semeou é o diabo. A colheita é o fim do mundo. Os ceifadores são os anjos. 40Da mesma forma que se junta o joio e se queima no fogo, assim será no fim do mundo: 41o Filho do Homem enviará seus anjos e eles apanharão do seu Reino todos os escândalos os que praticam a iniquidade 42e os lançarão na fornalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes. 43Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. O que tem ouvidos, ouça! PALAVRA DA SALVAÇÃO. Glória a Vós Senhor!

As realidades opostas:

A realidade divina e a realidade humana têm por característica essa dupla natureza ou essa realidade dos opostos, ou bem poderíamos chamar, realidade relacional na qual se gesta o mundo e, se forma e se engendra a Santíssima Trindade, na qual nossa própria vida e natureza humana se desenvolvem e vão crescendo. Ou seja, é nesse jogo de opostos que na maioria das vezes vão se chocando, se contradizendo, ou outras vezes se

complementando e outras vezes se harmonizando. Enfim, essas realidades que podemos afirmar que começam em Deus Pai – que é o 1 (por chamar de alguma maneira) – em Deus Filho – que é o 2 – da realidade de ambos, na sua inter-relação, diferentes como Pessoas, até o ponto de que o próprio Cristo no Getsêmani disse: “Que se cumpra a a tua vontade Pai e não a minha”. Depois, existe uma diferença entre as Pessoas Divinas, embora sejam um só Deus e tenham uma única natureza e substância, e uma única Glória, que atribuímos a ambos, e dessa realidade que chamamos dupla, ou relacional, é de onde se engendra e surge o Espírito Santo (a terceira pessoa da Santíssima Trindade), e de onde surge a Criação do mundo, pelo Amor que o Pai tem ao Filho, cria tudo para o Filho. E, como se fosse pouco, quando o próprio Filho – isto é, o 2, perdoem que o chame assim que é um número pitagórico, aritmético, mas, bem, de alguma forma temos que entender a procedência do Filho, que procede do Pai – quando o Filho encarnado quer expressar sua natureza mais profunda, sobe à Cruz, e une a realidade da direita com a da esquerda, a divindade (sua natureza divina) com a humanidade (sua natureza humana), recebida de Deus Pai, sim, mas também de Maria Santíssima, Mulher e ser humano. Ao mesmo tempo o próprio Jesus une a Graça e o pecado, não porque o tenha cometido, mas porque “sujou suas mãos” para nos redimir. São realidades tão chocantes, tão duras, da Graça e do pecado, do céu e da terra, do mais baixo da natureza humana, mas que em Cristo se unem, e graças a isso obtemos a Redenção: porque houve Alguém que sendo Deus se fez homem e pisou nossas realidades cotidianas, vergonhosas, simples, humildes e insignificantes, e as dignificou, porque Ele se fez Um conosco.

Portanto, sempre estamos tratando dessa realidade de opostos que aparece hoje na parábola do joio e do trigo – como coloquei no mural (que está na capa), utilizando uma imagem do meu padre Montes e de seu escudo, usando uma antiga frase de um antigo poeta francês que dizia: “*Caminho um passo sobre uma lajota negra, e uma lajota de ouro*” – também cantamos o Aleluia e, no entanto, nos lembramos do martírio do Cordeiro; atravessamos a noite e depois vem o dia, esse simbolismo da luz e das trevas é presente permanentemente e, no joio e no trigo hoje adquire uma forma rara, tomada da agricultura, dos campos, já que o auditório de Cristo era campesino, diferente do se São Paulo, que era citadino. Mas os agricultores, os campesinos, entendiam isso, porque sabiam que às vezes entre o trigo, surge essa gramínea, que cresce da mesma altura do joio, mas que, no entanto, sua farinha é venenosa. Por isso utilizamos em espanhol o adjetivo “cizañero”, pois semear joio significa semear o mal, ou andar com intrigas, ou andar falando mal do próximo.

Com simples parábolas ou símbolos, Jesus nos ensina as atitudes fundamentais da vida perante os opostos, porque existem momentos nos quais temos que ser claros e mandar uma coisa para o fogo e outra coisa para os celeiros. Mas há outros momentos em que temos que aguentá-las ou uni-las, ou harmonizá-las. Por isso, bem poderíamos dizer que as realidades dos opostos constituem a natureza humana, porque daí viemos – de um homem e de uma mulher; do yang e do yin, diriam os orientais; dos princípios masculino e feminino, ou racionais e emotivos. Sempre estamos falando de polaridades e de opostos, até nos clássicos do futebol, brigamos até por isso. Eternas disputas. Enfim, tudo tem realidade dupla.

Podemos dizer que podem existir três níveis de oposição, de contradição, de confrontação destes opostos:

I) Primeiro nível: entre o bem e o mal:

Como disse Santo Inácio de Loyola em seu discernimento de espíritos: “*Quem vai de pecado mortal em pecado mortal*”; ou como diria meu pai, ou no meu povo: “de mal a pior”. Temos então esta luta entre o mal e o bem, que se encontra no primeiro nível que é esse: o choque entre o mau e o bom, que não é o único, é o primeiro.

Santo Inácio disse: quem anda aí e, no entanto, de alguma maneira quer superar-se, o diabo (o mal espírito) virá como que seduzindo, oferecendo prazeres e bem estar, porque ele pretende manter-nos ali, como que dizendo: “*Não saia daqui, por que vais, se aqui tens tudo?*”. Isso também lamentavelmente às vezes ocorre em algumas dependências familiares, humanas ou relacionais, que também nos chantageiam desta maneira: “*Por que vais buscar em outro lugar, se aqui tens tudo? Por que agora estás com essa ideia de progredir ou de coisas estranhas, que “bicho te mordeu”, o que te aconteceu? Por que, se te ofereço tudo? Se aqui tens tudo, por que vais para a cidade para estudar e progredir? Por que vais casar se nessa casa já tens tudo? Que te dará ela que nós já não tenhamos te dado?*” etc...

Não quero seguir dando exemplos, mas, bem sabemos, não? Te “abaixam para baixo” – perdoem-me a redundância – e te dizem: não progridas, não te superes, não eleves, és um ingrato, um filho mau, um irmão mau, um cidadão mau, um patriota mau, e fazem isso te rebaixando, e “quanto mais melhor”, diriam no meu povo. E aí devemos aplicar a expressão dos gringos: “Ok!

Bye!”. Nestas realidades de choque, de confrontação, de branco e preto, deve-se ser muito claro! Neste ponto não se pode negociar, nem dialogar, nem se pode ser diplomático; aqui ou és ou não és, *ou estás comigo ou estás contra mim* (Lc 11, 23a), a favor ou contra!

Nessa confrontação e choque de sair do pecado e passar a viver a Graça ou começar a viver o bem, nos deparamos com a antiga antinomia religiosa entre o bem e o mal, entre Deus e o diabo. Olhem só que curioso: que Deus Pai – ao que chamei 1 – e Deus Filho – ao que chamei 2 – que se relacionam no eterno Amor trinitário, dão por fruto ao Espírito Santo. Justamente vejam que ao mal espírito o chamamos de *duabus*, de duplo, precisamente, aquele que nos mostra uma realidade hipócrita, falsa, dupla. Daí vem a palavra diabo, que curioso! É um acaguete, isto é, copia o que é de Deus porque no fundo o inveja, mas para nos arrastar ao mal.

O mal espírito nos oferece prazeres, bem-estar, pretextos, escusas, argumentações, falácias – como dizem os mestres da vida espiritual e da vida mística – que são enganos muito falsos, com argumentos muito humanos e também, às vezes, religiosos; porém, tudo isso é para que saíamos dessa polêmica, conflito ou contradição que temos, que é a de deixar o mal, com os “prazeres” que nos oferece. Mas, como diria Santo Agostinho, expert em pecado e expert em santidade: “*O prazer do pecado termina quando se comete*”, dando a entender que o pecado é uma aparência, como uma miragem, que nos seduz, porém, não nos satisfaz; como Eva com a maçã, que após comer nos perguntamos: “Era isto?”; ou como disse Fausto (livro de Goethe) ao diabo Mefistófoles: “Pobre diabo! É com isto que me tentas?”... mas às

vezes quando nos damos conta, já é tarde demais, porque já demos o passo mal.

Nesse primeiro nível de confrontação, o bom espírito faz o contrário, Ele se põe exigente, se põe duro... é ele que nos repreende, que nos constrita, que nos sacode, que nos tira o tapete, que nos desperta pela manhã, é aquele que nos cutuca para que não nos acomodemos. É aquele que nos ressoa como sacrifício, ou como algo doloroso, ou contraditório, mas que é justamente para o nosso bem. É a boa mãe que ao invés de nos deixar dormir mais um pouco, nos sacode e diz: “*tens que ir trabalhar, que sair para o mundo, ir ganhar o teu pão*”. E aí o filho responde: “*Mãe, estou cansado, tenho sono, tenho fome...*” Se aí vem a suposta boa mãe e lhe traz o café na cama, age conforme o que santo Inácio refere ao mal espírito, pois o bom espírito diz: “*Levanta-te e vai!*” E pode até acontecer que a criança se queixe pensando que a mãe é má, e fique choramingando pedindo o café na cama. Mas a boa mãe diz: “Ok! Bye!”

Quantas vezes temos falado aqui o Evangelho *com Cristo* ou *sem Cristo*. Com Cristo vemos, sem Cristo olhamos. Com Cristo temos o céu, sem Cristo o inferno! Se trata de polaridades nas quais temos que ser claros, *ou estás comigo ou estás contra mim*, não há titubeios, não podemos discutir... *O diabo sabe mais por velho, do que por diabo*, portanto, quando a gente começa ingenuamente a querer argumentar ou discutir as razões, perde! Aqui não se pode discutir, não se pode reagir, se deve cortar com a espada, como lhes dizia da outra vez, a espada que eu batizei de “*nunca mais*”. Bye! E não somente cortar uma vez, mas quando a polaridade oposta estiver no chão – simbólica e espiritualmente falando – dá-lhe outro tiro... por garantia! Assim também tem que

se fazer com a polaridade oposta: não dialogar, não fazer acordo, não negociar. Depois que já esteja morto, pelas dúvidas, dá-lhe mais um par de tiros. Essa é a clareza que o cristão tem que ter e não negociar, não discutir, não falar e não dialogar, porque aqui não se dialoga, aqui se decide.

Esses são os “*existenciários*”: as opções e decisões, onde não se pode aguentar nada, tem que prender fogo, como disse Cristo nesta parábola: vai separar, e a um prenderá fogo, e ao outro não. Este é o primeiro nível onde, repito, Santo Inácio nos exorta a isso: não negociar.

II) Segundo nível: entre o bom e o melhor:

É o nível de confrontação que se dá entre realidades que já não são só entre o bem e mal, mas, já havendo superado o primeiro nível de oposição, ou seja, supondo que estamos no bem: que já nos confessamos, que já não temos pecados mortais, que já começamos vir à Missa, que somos mais ou menos bons cidadãos, boas pessoas ou bons cristãos, cumprimos as obrigações, lemos a Bíblia, damos esmolas, ajudamos ao próximo, etc...

Esta segunda realidade de oposição é entre o bom e o melhor. Por quê? Porque nesse segundo nível de oposição existem realidades que, além de decidir entre elas, temos também que aprender a conciliá-las. Dentro da natureza humana existem realidades de opostos, de contrários, de confrontações e diferenças, que vão nos obrigando, na maturidade humana, a conciliar.

A conjunção de opostos é um antigo símbolo oriental: “*coniunctio oppositorum*”, que o desenhavam em forma de mandala. Significava unir o de cima e o de baixo, a esquerda e a

direita, a razão com a emoção, o masculino e o feminino dentro de ti. Já não se trata de tomar opções. Recordo, na primeira leitura, de São Paulo, que usa muito antinomias: do homem velho e o novo, deixar o homem velho, e começar com o homem nova, a vida ou a morte, o espírito ou a lei, o espírito ou o mundo, o espírito ou a carne, e não andava com meias palavras. É outro grande exemplo de seguidor de Cristo.

Mas neste segundo nível, nos referimos ao joio e ao trigo que temos que aprender a unir, a conciliar, a manter e a inclusive a reconhecer dentro de nós realidades que se opõem, e que não é fácil abandoná-las porque corremos o risco – como diz aqui no Evangelho – de pretender cortar o negativo com um espírito puritano, ou como diria Santo Agostinho, um espírito maniqueo ou fundamentalista, próprio do primeiro nível, onde se corta e tira fora.

Porque senão corremos o perigo de que fala aquele conto medieval: que depois de lavar o bebê na banheira, com o desejo de tirar a água suja, atiremos fora também o bebê. Não, cuidado, porque os dois estão juntos, não te precipites, debes distinguir primeiro – como hoje diz no Evangelho, sobre esperar que cresçam o joio e o trigo – para que não aconteça de que, pretendendo cortar o negativo, por apurado, ou por ansioso, se coloque fora o bebê. Não o coloquem fora, é preciso ficar com ele, lavá-lo, esperá-lo, tirá-lo e secá-lo, para distingui-lo.

Sobre essas realidades, um psicólogo muito profundo chamado C. G. Jung diz que quem não tenha a capacidade de assumir e de aceitar que dentro de si existem realidades opostas, não vai alcançar a maturidade humana; vai ser como uma criança, infantil ou imatura, que vai sempre rir quando algo lhe agrada e

chorar e fazer birra pelo que não lhe agrada. Isso no primeiro nível.

Porém, nesse segundo nível “eu sou um pouco santo e um pouco pecador”; “sou bom e sou mal” e “tenho tendências de um tipo e tenho tendências de outro”; e “claro que sou homem, porém, também reconheço minhas tendências femininas”; e “gosto da luz e da claridade, porém, também reconheço minhas obscuridades”.

Neste segundo nível, cuidado com cortar, disse Jung, pois quem não é capaz de assumir dentro de si as realidades opostas que vão relacionando-se, não somente não alcança a maturidade, como tampouco alcança a experiência das profundas imagens religiosas e sagradas que brotam de seu interior.

Quem é capaz de penetrar sem escandalizar-se dentro de si mesmo, ou sem que lhe suba à cabeça quando descobre coisas positivas – porque sabemos que somos um pouco natureza humana e um pouco divinos, um pouco anjos e um pouco demônios – essa pessoa vai alcançando, por sua harmonia, por seu equilíbrio, por sua maturidade, não somente crescimento em sua personalidade, mas também acede à imagens místicas, a imagens paradoxais – como chama a ascética cristã – à imagens ambivalentes e contraditórias, como a Cruz de Cristo, como uma Virgem que é Mãe, como um homem que, sem ser pai, Deus mesmo lhe chamava de papai, como um paralítico que anda, como um cego que vê ou como um morto que ressuscita. Se isso não são contrários, contradições ou absurdos, não sei o que será o absurdo! Essa é a vida mística onde o indivíduo se abre à Graça de Deus com a disposição de receber dentro dele as duas realidades: a do Javé bom e piedoso, amável, divino, eterno, Pai, Abba; e a de Javé

Sebaot, Deus dos exércitos, terrível Javé que também não negocia, mas ao contrário, no dia do juízo, separará uns dos outros.

A isso chamamos também colisão de deveres, onde ocorre um choque de responsabilidades entre uma coisa que é boa e outra coisa que é melhor, e que não somente temos que assumir, mas que também temos que decidir. Santo Inácio de Loyola (o mesmo que nos disse: *“quem vai de pecado mortal em pecado mortal, o diabo apresenta-se como lisonjeiro, e o bom espírito como crítico*), diz que nessa segunda etapa acontece ao contrário: *“O bom espírito te transmite consolação, paz, consolo, iluminação, serenidade, criatividade, ideias, força, energia... frutos do Espírito Santo, e o mau espírito, ao contrário: vai vir como que te remordendo, gerando-te culpa, angústia, trabalhando-te com ameaças”*.

III) Terceiro nível: entre o melhor e o perfeito:

Essas são regras de discernimento antiguíssimas e que vemos permanentemente na vida espiritual. Também na história da humanidade vemos com frequência o arquétipo dos dois amigos: São Francisco e Leão, Dom Quixote e Sancho Pança, o próprio Cristo e Pedro, enfim, sempre essas realidades que estão dentro de nós geram tensão e pretendem que lhe demos lugar, que as aceitemos, que as assimilamos com grandeza de espírito, reconhecendo em nós o bom e o melhor. Essas realidades nos exortam não apenas à maturidade, mas também ao crescimento espiritual onde temos de decidir.

O terceiro nível de oposição, já não é entre o mal e o bom, já não é entre o bom e o melhor, mas é entre o melhor e o perfeito, entre o tudo e *“o mais”*, o *“100% e mais...”* Como? Se já está

100%? É porque há um momento no qual, querendo progredir a exemplo de Cristo, que nos disse: “*Deveis ser perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito (Mt 5,48)*” nos comprometemos com coisas que não podemos cumprir, porque temos decidido lhe entregar tudo, temos deixado tudo por seguir a Cristo e o amor, e no amor queremos mais! No Amor cometemos loucuras, porque nos comprometemos a coisas que não podemos cumprir, para que seja Cristo quem, definitivamente, as cumpra e as pague em nós, para que Ele supra o que nos falta. Para que nossos desejos seja Ele quem os ponha em prática.

Há aqui alguns casais presentes, a quem um servidor lhes disse: “*Te comprometes a isto e isto outro... até que a morte vos separe?*”. “*Sim, Padre*”, me responderam. “*Mas se não sabes o que acontecerá no dia de amanhã e, estás te comprometendo até que a morte os separe? Para sempre? Jamais tal coisa*”?! Oh, meu Deus! Essas palavras (nunca, jamais, pra sempre) só Deus pode pronunciar. Por quê? Porque envolve o futuro...

O ser humano, depois de estar em um bom nível, corre o risco de ficar na mediocridade, nesse segundo nível de contradição, como o jovem rico (Mt 19, 16-22. Mc 10, 17-22. Lc 18, 18-30) que disse: “*Eu cumpro os mandamentos, eu vou à Missa, eu dou esmolas, eu faço o bem... Falta-me algo Senhor?*” Cristo lhe disse: “*Sim, claro. Falta-te o terceiro nível... Vende tudo, deixa tudo, arrisca tudo!*” – pira, por amor a Cristo – “*e me segue!*” Mas não deu pra ela... Ele cumpriu o primeiro nível: não era mal, era bom. Estava no segundo nível: do bom, buscava o melhor; porém, não alcançou o terceiro, ficou na mediocridade, foi túbio, como diz o Apocalipse (3, 15).

Enquanto que nesse terceiro nível é ao contrário: ao exemplo dos santos nos comprometemos a abraçar intempéries, perseguições, menosprezo, pobreza, dores... Não é humano eleger essas coisas; como São Francisco e Santo Inácio exortam a escolher os menosprezos, os desprezos, as humilhações, as perseguições, as agressões e as calúnias dos outros, Tomás de Kempis nos diz: *“não é segundo a natureza humana optar e eleger pela cruz”*, sendo que a natureza humana busca o bem estar ou o princípio do prazer, como disse Freud, quem apresentou os opostos masculino/feminino, ou Hegel que estabeleceu a oposição entre tese/antítese; agora há um terceiro nível que é de síntese, o nível de santidade em que resplandece Cristo na Cruz, o único que assume os opostos e o quer fazer em cada um de nós, porque quem assume a Suspensão e a Crucificação é Cristo, e o faz naqueles que se dispõem a permitir que Ele siga levando a Cruz, porém, agora, dentro de nós; como quem diz: já joguei tudo por Tudo, por meio de atitudes não racionais, não humanas, não razoáveis, mas, supra-naturais, supra-humanas, onde nos comprometemos a seguir a Cristo, ao menosprezo, a ser nada, a perder-nos. *“Aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la, mas, quem perder sua vida por causa de mim e do Evangelho, irá salvá-la”* (Mc 8, 35). Quem não seja pobre, humilde, que não chora, quem não seja perseguido por causa de Cristo, esse não terá o Reino. Portanto, esse terceiro nível é o dos santos: de Santa Teresinha de Lisieux, que sendo tão linda, mimada e inteligente, entra em um convento para não sair nunca mais, sacrificando sua beleza, sua inteligência, tudo. E a gente diz: por quem está optando? Ou de Santa Bernadete, aquela que recebeu as revelações da Virgem de Lourdes; ou São Francisco de Assis, rico, famoso, bonito, jovem e aventureiro que

no entanto, optou pela pobreza, pelo menosprezo. Assis – que agora se orgulha por ser a pátria de Francisco – quando ele passava pelas ruas, lhe atiravam verduras podres e lhe diziam que fosse embora, pois era um inútil, um filho ingrato. E Francisco dizia: essa é a perfeita alegria! Que te persigam por amor a Cristo!

Este Domingo XVI do Tempo Comum é, portanto, o domingo dos contrários, dos opostos, e especialmente dos três níveis onde vamos de pouco a pouco (ou como diria padre Montes: de contradição dominada em contradição dominada), de uma festa a outra, de um conflito resolvido em outro, mas a caminho dos últimos dos conflitos que é Cristo em Cruz, que nos presenteia com a Redenção.

Finalmente, como não pode ser de outra maneira, vamos invocar Àquela a qual temos dedicado nosso sacerdócio, baseado no lema: “*Junto à cruz de Jesus estava Maria (Jo 19, 25)*”. Ela adentrou nesta realidade identificando-se e mergulhando com Cristo na contradição da Cruz. Vamos invocá-la para que não nos largue de sua mão, acompanhando-nos nas contradições difíceis ou apaixonantes desta vida e, para que no fim dos tempos, na última e definitiva contradição que é o juízo final, alcancemos, por sua intercessão e pela graça de Deus, a Salvação Eterna.

Que assim seja!